



## DUAS PÁGINAS SÔBRE A VIDA POLITICA

De EVARISTO DE MORAES FILHO

**N**UM livro que tem tanto de filosófico quanto de poético — **As formas da vida**, aparecido pouco depois da Primeira Grande Guerra, procurou Eduardo Spranger traçar as características dos diversos tipos de personalidade e de formas de vida, levando em conta, não só elementos psicológicos, como também sociais, subjetivos e objetivos, anímicos e ambientais. Propôs alguns tipos básicos: o teórico, o econômico, o político, o estético, o social e outras modalidades mistas. Cada um sugere desde logo uma nota dominante. O homem teórico, por exemplo, é o homem de gabinete, dos livros, afastado, às vêzes, da realidade, preferindo as páginas escritas ao contato concreto e real com os seus semelhantes; de tudo constrói de imediato um símbolo ou um conceito abstrato, com que passa a jogar dali para o futuro como quem joga paciência com um baralho de cartas no silêncio da noite. Se a sua conclusão não estiver de acôrdo com a realidade, pior para a realidade...

E assim continua a sua análise, mostrando a mania, verdadeira idéia fixa, de dinheiro e de bens materiais por parte do homem econômico. Já os valores que mais impressionam o artista são os estéticos, o belo e o feio são os extremos da sua escala valorativa. O homem social ou sociável é a polidez em pessoa, seria chamado hoje "pessoa bem". E o político?

O político expande a sua personalidade através do mundo. Dominar os outros seres humanos, ter prestígio, autoridade, pôr e dispor, tais são os seus desejos, para os quais vive e pelos quais, muitas vêzes, está até disposto a morrer. O poder é o seu objetivo. A vida só vale a pena de ser vivida, a sua participação no grupo social só se manifesta em têrmos de destaque. Entre êle e os demais forma-se a distância social, como entre o comandante e os subordinados. Sente-se lisonjeado, todos ou grande numero o aplaudem, pedindo-lhe ou esperando dêle favores.

Depois de certa experiência como chefe político, nunca poderá voltar a viver uma vida pacata de bairro, com hora certa de entrada e de saída, com viagens de lotação, trazendo prêso no dedo o pacotinho doméstico de manteiga. Tratar do seu pequeno jardim ao cair da tarde, sossegado, tranqüilo, anônimo, sem áulicos em seu tôrno, isso lhe é de todo impossível. Tirem-lhe o ar que respira, tirem-lhe a própia vida, mas não lhe retirem o poder. Sem o domínio sôbre os demais participantes do grupo — profissional, religioso, esportivo, regional ou nacional —, sente-se êle um frustrado, sem qualquer objetivo a realizar.

Pois bem, para manter-se no poder, para conservar parcelas dêsse mesmo poder, é capaz de tudo. Todos os valores da existência se obscurecem em confronto com êle, sejam éticos, científicos, religiosos, domésticos, e assim por diante. Que o diabo leve a sua alma, a sua honra e a sua dignidade, mas que lhe deixe o poder, a lisonja, os áulicos. Sem o ruído das palmas do claque paga e interesseira, parece-lhe vazio o seu mundo, como o de uma prima-dona em fim de carreira. O bem público, os interesses do povo e do País, êstes servem sômente para propaganda eleitoral, para argumentos de caça-votos, nada mais. A moral de José Fonifácio não é inspiradora da sua conduta.

E por quê? Por um motivo muito simples, que caminha com a maioria dos homens políticos, que vive em suas entranhas, que circula em seu sangue, penetra-lhe a medula dos ossos e lhe banha os miolos: a sua necessidade de poder. Coitados, cegos por esta obsessão, são mediocrementemente bons e mediocrementemente maus, como o viciado que paga qualquer preço pela sua droga.